

## **PARADOXO DOS GRUPOS SOCIAIS: A MAIORIA DAS MINORIAS EM OBRAS DE AUTORES CONTEMPORÂNEOS**

Patrícia Margela Fernandes Silveira<sup>1</sup>, Alyne Ferreira de Araújo<sup>2</sup>, Maria das Graças de Oliveira Pereira<sup>3</sup>, Miguel Wanderley de Andrade<sup>4</sup>

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB<sup>1</sup>, patriciamargela@hotmail.com*  
*Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, alynnef\_araujo@hotmail.com<sup>2</sup>*  
*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, mary\_ta\_oliveira@hotmail.com<sup>3</sup>*  
*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB<sup>4</sup>*

### **RESUMO**

A literatura constitui-se numa representação de ações e transformações humanas, para quebrar as ideias tradicionalistas e acompanhar as mutações que a sociedade tem sofrido. Isso inclui falar sobre a afirmação dos movimentos de minorias, entre os quais estão as mulheres, negros, o escravizado, o ex-colonizado, enfim, personalidades historicamente excluídos dos grandes debates e decisões da sociedade e que ainda sofrem por constituir as minorias sociais e culturais (JACOMEL, 2008). O objetivo geral desta investigação é analisar os grupos das minorias que aparecem diferenciados e em complementaridade nos livros “Suor” de Jorge Amado e “As Minorias de Deus”, obra regional de Miguel Wanderley de Andrade, buscando avaliar o papel por eles desempenhado na construção deste universo social. Pretende-se estudar a construção social dos personagens, dentro da ótica de um autor socialista e as minorias no cotidiano de um povo que apresenta uma religiosidade exacerbada, no final do século XVIII e início do século XIX. Para realizar essa pesquisa, será preciso respaldá-la no caráter qualitativo, já que sua abordagem de estudo é sobretudo subjetiva. Este estudo será realizado, utilizando o exame bibliográfico necessário para a concretização dos seus propósitos. A proposta deste trabalho é analisar autores contemporâneos, em sua base narrativa, como constroem as personagens, com ênfase no conflito existente entre elas, enquanto seres sociáveis. Como buscam retratar o estigma de marginalizados e as relações de poder justificadas pelo formato de representações que os validam na sociedade. É da tradição da série literária brasileira, uma atenção significativa aos temas que permeiam as minorias, como miséria, fome, desigualdades sociais e ultimamente a violência urbana.

**Palavras chave:** Literatura brasileira, Minorias Sociais e Pós-Modernidade.

### **1. INTRODUÇÃO**

Ser leitor, na perspectiva literária, é estar em condições de interpretar, compreender, construir significados e refletir sobre o material lido, a partir do envolvimento com as práticas sociais e a vida cotidiana.

Na ótica dos estudos a respeito da literatura, Zilberman e Silva (2008) compreendem que compete hoje ao ensino da literatura não mais a transmissão de um patrimônio já construído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. A execução dessa



tarefa depende de se conceber a leitura não como resultado satisfatório do processo de alfabetização e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário.

Nessa perspectiva, a literatura tem por objetivo, não somente relacionar símbolos escritos, mas também centralizar-se nos aspectos individuais e sociais do indivíduo.

Perissé (2006) reflete sobre as práticas literárias, atentando para o fato de que:

A palavra cria mundos, é ativa e ativadora. Com a palavra criamos o passado, o presente e futuro. A palavra tem o poder de “arrumar”, “organizar” nossa percepção e expressá-la. A palavra dá forma à realidade. Dá realidade à realidade.

Entendemos, por esses vieses, que a ausência, tanto quanto a presença da literatura em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e consequência de transformações econômicas, sociais, políticas e culturais.

A literatura constitui-se numa representação de ações e transformações humanas, para quebrar as ideias tradicionalistas e acompanhar as mutações que a sociedade tem sofrido. Questionar as relações de poder na sociedade em detrimento da hegemonia das forças, e das relações de alteridade, é tentar perceber quais são os reais motivos pelos quais ainda existe uma grande “guerra” civil, política e cultural entre os seres humanos. Isso inclui falar sobre a afirmação dos movimentos de minorias, entre os quais estão as mulheres, negros, o escravizado, o ex-colonizado, enfim, personalidades historicamente excluídos dos grandes debates e decisões da sociedade e que ainda sofrem por constituir as minorias sociais e culturais. (JACOMEL, 2008).

Estes grupos sociais são sempre constantes nesta literatura definida como pós-moderna, a qual sempre costuma ser acompanhada por um cortejo de retórica negativizada, fundamentalmente contraditória, deliberadamente histórica e inevitavelmente política. (HUTCHEON, 1991, p. 19).

Considerando que a literatura de um modo geral, é produzida, recebida e consumida por indivíduos sócio-históricos, é indispensável considerar que toda atividade humana é movida por uma ideologia de interesses coletivos ou individuais, que determinam estas ações; ideologia esta que se pretende universal e provocou o afastamento entre os excluídos, vistos como minorias sociais, e a literatura.

O discurso que se pretende dominador traz em seu cerne essa marca de restrição quanto aos grupos minoritários. O estigma social impede estes indivíduos de serem sujeitos, de ter seu trabalho



legitimado e apreciado e, acima de tudo, tornarem-se uma voz independente, livres das amarras do preconceito.

A breve incursão em textos literários representativos do imaginário de inclusão social, não significa limitar o potencial simbólico das obras a um sentido restrito, já que isso significa um estreitamento da leitura em detrimento de sua utilização com intenções meramente didáticas e moralizantes. Assim, procuramos mostrar que, sem prescindir dos aspectos lúdicos, maravilhoso e encantatório, a literatura vai além de sua primordial função estética, consolidada na obra como objeto de prazer e de entretenimento – revelando-se como formadora de uma consciência crítica e ampliadora da visão de mundo do leitor, aspectos que, sem pretensão, correspondem às funções social e cognitiva da literatura (SILVA, 2006).

Além disso, escritores consagrados de nossa literatura tratam das minorias de modo individualizado ou mesmo pontuais, em que abordam um único grupo, sobrevivendo nas mesmas circunstâncias, como no caso a família de retirantes em *Vidas Secas*, ou no ponto de vista de um mesmo personagem, como exemplo, de Macabéa do livro “A Hora da Estrela” de Clarisse Lispector.

Qual o lugar do negro e de tantas classes marginalizadas que não se veem representadas em esferas sociais como na política, na mídia ou na literatura? As diferenças sociais, regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas de forma subordinada à cultura dominante, dificultando o encontro da identidade deste homem em seu próprio meio. As literaturas pós-modernas, assim como a literatura afro-brasileira em contrapartida enfatizam a valorização de tudo que se considera marginal e, num trabalho de reelaboração literária, dão voz e vez a sujeitos e ambientes nunca antes representados de fato.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar os grupos das minorias que aparecem diferenciados e em complementaridade nos livros “Suor” e “As Minorias de Deus”, buscando avaliar o papel por eles desempenhados na construção deste universo social. Partindo-se das obras citadas acima, pretende-se estudar a construção social dos personagens, dentro da ótica de um autor socialista e as minorias no cotidiano de um povo que apresenta uma religiosidade exacerbada, no final do século XVIII e início do século XIX.



## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de minorias é genericamente aceito pelas Nações Unidas e definido nos dicionários, como subgrupos, que dentro de uma sociedade, considera-se e/ou é considerado diferente do grupo maior e dominante, em razão de características étnicas, religiosas, ou de língua, costumes, nacionalidade etc., e que em razão dessas diferenças não participam integralmente, em igualdade de condições, da vida social. (FERREIRA, 2009). Porém, o termo não deve ser associado a grupos em menor número em uma sociedade, mas sim, ao controle de um grupo majoritário sobre os demais, independente da quantidade numérica. Na literatura sociológica, a palavra minoria tem sido utilizada mais amplamente como um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontram numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um grupo majoritário.

Visto deste modo, os grupos minoritários são passíveis de fazer literatura e se transformarem através dela? Subtende-se que toda pessoa é potencialmente portador de conhecimento individual que cada um de nós tem naturalmente dos fatos e das coisas, e que podemos transmitir. Deste modo, tudo o que conseguimos expressar por meio da escrita, ou seja, do texto impresso e que se identifica com a natureza ideológica do leitor, onde existe uma troca permuta de culturas, obedecendo aspectos de interação entre escritor e leitor recebe o nome de literatura.

Uma definição simples e didática, diz que, a literatura, além do aspecto ficcional que a configura, é um meio de olhar para o mundo, de refletir sobre questões importantes, como as relações humanas, e tudo o que lhe diz respeito, como o amor, a vida social, o trabalho, as frustrações etc. Essa maneira de ver o mundo pode se alterar conforme a época e o local. Estudar literatura é compreender a própria sociedade e as mudanças de perspectivas ao longo do tempo. (SILVA, 1976 apud ABREU, 2008)

Assim, pesquisadores hoje estudam as diversas possibilidades de literatura referente à raça negra, ou de autoria negra, ou ainda voltada para os negros por exemplo. Essas vertentes surgem da necessidade, que os grupos marginalizados começam a impor à sociedade brasileira de dar voz a esses que juntos, formam a grande maioria do povo brasileiro.

O sistema teórico formal e capaz de lançar um olhar crítico sobre a obra literária nasce da passagem do século XVIII para o XIX, sendo a Revolução Francesa o evento histórico desencadeador de anseios por uma nova forma de pensar o





mundo, a nova sociedade e as novas formas de relação social, e enfim, por uma nova forma de pensar o novo homem. A partir da segunda metade do século XIX, as contribuições para a formulação de uma sociologia da obra literária vão aumentar consideravelmente, recebendo influência inclusive das teorias científicas em vigor na época. Posteriormente, “A Teoria do Romance”, de Georg Lukács, publicado pela primeira vez na Alemanha em 1920, as reflexões de Lucien Goldman (1950) e Marx e Engels, formalizaram esta forma de pensar a literatura (ARAÚJO NETO, 2005).

No Brasil, desde o período romântico, a literatura é vista como um “instrumento fundamental na construção de uma identidade nacional (COUTINHO, 1983)”. No entanto, se esta se revela como miscigenada e pluralista de acordo com estudos sociológicos e antropológicos, no campo literário ainda se mantêm com certa frequência, a prática de marginalizar o outro (mulheres, negros, idosos, loucos), a partir de representações que idealizam esses grupos tirando-lhes a sua concretude; ou que os desvalorizam diante dos grupos estabelecidos.

A partir de meados do século XX, surgem debates no campo da crítica literária, no sentido de revisar nossa literatura à procura de enfatizar, trazer à tona, preconceitos subjacentes em diversas obras literárias que muitas vezes não exploravam diretamente o tema. Além disso, multiplicam-se temáticas em estudos da literatura brasileira, voltadas para a questão dos diferentes grupos marginalizados, que buscam estudar em profundidade e em sua especificidade a forma como são representados cada um desses grupos no texto literário. (FERRAZ, 2004).

É da tradição da série literária brasileira, uma atenção significativa aos temas que permeiam as minorias, como miséria, fome, desigualdades sociais e ultimamente a violência urbana (HOLANDA, 2014). Todo olhar crítico dado a estas obras e de tantas outras que traziam a discussão social de grupos minoritários, não mais como objetos, mas como sujeito de suas ações, contribuiu para reescrever a imagem destes subgrupos sociais.

Na abordagem de uma obra, deve-se levar em conta o princípio de que o narrador e as personagens são sempre portadores de vozes sociais que lançam problemáticas dentro de um espaço limitado e com variáveis de cultura.

O filósofo Roger Scruton diz que:

O homem deve identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao que ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar” (SCRUTON, 1986 apud SILVA, 2010)



A literatura deve tratar deste homem não mais como um alienado, mas fazê-lo participante da sociedade, com sentimentos, prazeres e sensações. A partir do exame de algumas posturas sócio-políticas dos indivíduos no âmbito social e cultural, destacam-se duas práticas de tendências mais conservadoras no contexto das relações sociais. A primeira, localizada em seu ambiente cultural, corresponde à hierarquização da arte, ou seja, o confinamento de uma arte de qualidade reservadas para um público seletivo; a segunda, sendo diretamente ligada à formação social e moral dos indivíduos, diz respeito à ideologia das diferenças e conseqüentemente, a reprodução hierárquica das classes sociais. Portanto, essa divisão pressupõe que toda e qualquer atitude do ser humano, independente de sua etnia cultural e social, é partidária e pertence a uma base filosófica e sociológica, isto é, a distribuição desigual dos diferentes poderes aos indivíduos, prática que se desenvolve desde o início da convivência dos indivíduos em grupos (JACOMEL, 2008).

A rigor, toda obra literária que fixasse uma personagem (imitação do homem real), poderia, em sentido amplo, ser considerada de caráter social. Porém, esta se torna uma visão simplista, pois não nos interessarão também certos grupos ou camadas sociais recolhidos pela ficção simplesmente por traduzirem uma aglutinação, temporária ou permanente, de seres humanos. A perspectiva social será apanhada toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos (LUCAS, 1987).

### **3. METODOLOGIA**

Para realizar esse trabalho foi preciso respaldá-lo no caráter qualitativo, já que sua abordagem de estudo é sobretudo subjetiva, por apresentar uma estreita relação entre o universo de ideias do pesquisador e os fenômenos caracterizados na obra. Por isto, tem sido tratada como sinônimo de etnográfica, naturalística e interpretativa. Uma pesquisa etnográfica pode ser entendida como o “estudo do comportamento das pessoas em contextos naturais, com foco na interpretação cultural desse comportamento”. A pesquisa qualitativa trata da natureza cíclica da análise e da interpretação dos dados, ou seja, a teoria não apenas guia a pesquisa, como também é usada para auxiliar a interpretação dos dados, caracterizando o princípio de indução.



Neste caso, a subjetividade do pesquisador não deve ser entendida como um mal em si, mas como elemento nas interações humanas que compreendem o objeto de estudo. Segundo Oliveira (2003), é necessário considerar a realidade como sendo socialmente construída e o papel do pesquisador sendo o de explicitar essa realidade, ou seja, o contexto sociocultural ao longo do processo de investigação de seu objeto de estudo.

Voltamos, portanto, o olhar para a importância da arte literária, enquanto produção com a palavra, como representante de ação e transformação humana. Para isso buscamos também referenciais teóricos para investigarmos se ocorre tal essencialidade.

Este estudo utilizou o exame bibliográfico necessário para a concretização dos seus propósitos. Deste modo, explorou as Obras Suor e As Minorias de Deus, buscando compreender as construções de identidade das minorias sociais que aparecem em complementaridade nestas obras. Por ser bibliográfica, constitui-se também exploratória já que estes trabalhos têm como objetivo proporcionar maior aproximação com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito.

A proposta deste trabalho foi analisar como autores contemporâneos entrelaçam as minorias sociais, em sua base narrativa, como constroem as personagens, com ênfase no conflito existente entre elas, enquanto seres sociáveis. Como buscam retratar o estigma de marginalizados e as relações de poder justificadas pelo formato de representações que os validam na sociedade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os textos estudados apresentam vozes narrativas diversas, dentro de dois pontos de vista diferentes: Em “Suor” aparece uma crítica à sociedade de classe do mundo capitalista, através da vivência do proletariado urbano da Bahia, onde são retratados os mendigos, mutilados, operários desempregados, flagelados do sertão nordestino... Através do livro “As Minorias de Deus” ganham voz os negros, ciganos, órfãos, comunidades indígenas dizimadas, representantes de culto afro, que tomaram parte da história do sertão paraibano, num tempo em que o sentimento religioso dominava a mente do homem. Tentou-se equilibrar as tendências que veem a literatura dependente da ação de fatores do meio que produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo. Deste modo, contrapondo-se a esta ideia coloca-se também o papel do

homem, inserido nas minorias, como agente que de alguma forma tem influência na sociedade.

Na abordagem de uma obra, deve-se levar em conta o princípio de que o narrador e as personagens são sempre portadores de vozes sociais que lançam problemáticas dentro de um espaço limitado e com variáveis de cultura. Por isso há uma crítica que o engajamento político do escritor, em favor de um grupo social minoritário, nem sempre corresponde a uma aproximação verdadeira, porque não há uma mistura cultural dele com este mesmo grupo.

Se existe em “Suor” uma ingenuidade política na defesa dos desamparados da Rua do Pelourinho, em “As Minorias de Deus” há uma recriação do estilo de vida de grupos minoritários do início do século XIX, visto sob o olhar do século XXI.

## REFERÊNCIAS

ABREU, E. C. S. **A importância da literatura na EJA**. Monografia. UFPB, 2008

AMADO, J. **Suor**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ANDRADE, M. W. **As Minorias de Deus**. Cajazeiras: Real, 2014. RAÚJO NETO, M. L. Origens e Problemática da Sociologia da Literatura. **Rev. de Letras**, nº 27, vol 1/2 jan/dez 2005, p. 58 a 63.

COUTINHO, A. **Introdução à literatura no Brasil**, 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FERRAZ, S. M. **Representando o preconceito: o Eu e o outro em contos brasileiros contemporâneos**. UnB. Dissertação de mestrado, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**. 4ª ed. Curitiba, Ed. Positivo, 2009.

GOLDMANN, L. **A sociologia do romance**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, H. B. **Literatura marginal**. Disponível em <http://www.heloisabuarquedeholland.com.br>, 2014.

HUTCHEON, L. **A poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

JACOMEL, M. C. W. Relações de poder e literatura brasileira. **Rev. Grifos**, nº 25, dez., Londrina, 2008.

LUCAS, F. **O caráter social da ficção do Brasil**. 2ª ed. São





Paulo, Ática, 1987.

LUKÁCS, G. **A teoria do romance: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** São Paulo, Duas Cidades Ed., 2000.

MARX, K., ENGELS, F. **Sobre literatura e arte**, 3ª ed. São Paulo, Global, 1986.

OLIVEIRA, F. M. **A configuração textual da seção de metodologia em artigos acadêmicos de linguística aplicada.** Dissertação de mestrado, UFSM, Santa Maria, 2003.

PERISSÉ, G. **Literatura e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, L. M. J. O imaginário da inclusão na literatura infanto-juvenil. **Construir Notícias**, nº 29, Ano 5, jul/ago, p. 36-41, Recife, 2006.

SILVA, S. E. Literatura afro-brasileira: uma identidade em questão. **Rev. Iuminart**, IFSP, vol. 1, nº 4, Sertãozinho, 2010.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T.. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto.** 2ª ed. São Paulo: Global, 2008.



